

Semana 3 – maio

Professora Lúcia

Texto 01

No Brasil, o bullying é duas vezes maior do que a média geral das instituições de ensino em 48 países, segundo dados de 2019 da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Por aqui, a incidência do problema de forma semanal ou diária é reportada por quase 30% dos diretores das escolas de ensino fundamental e cerca de 20% dos de ensino médio. O percentual supera em muito as médias da América Latina (13%) e do mundo (14%). Em seu estudo, a organização continua que a violência física e emocional contra estudantes precisa ser enfrentada de novas maneiras, especialmente no país. Em sua terceira temporada na Netflix, a série "Cobra Kai", sequência sobre a vida dos personagens dos filmes "Karatê Kid" dos anos 1980, propõe que com aulas —polêmicas— de combate marcial vítimas de bullying podem aprender a se defender e com isso intimidar e impor respeito a seus adversários.

Entretanto, especialistas consultados por VivaBem asseguram que, embora o esporte possa ser um aliado, situações de bullying são solucionadas de forma pacífica. "Por meio de uma rede de apoio composta por pais, professores, alunos, psicólogos, e não com os valentões levando a pior, mas sendo compreendidos e ajudados", afirma Gabriela Luxo, psicopedagoga e doutora em distúrbios do desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP).

Ela arranca e come cabelos há 20 anos: começou por bullying e aí veio abuso. Quase 30% dos adolescentes de São Paulo afirmam ter sofrido bullying.

Quem é alvo de ataques na escola não deve tentar solucionar o problema sozinho, por mais que ele cause constrangimento social.

Principalmente durante a adolescência, o corpo muda e com ele as ideias, emoções, percepções e reflexões. Como tudo ocorre ao mesmo tempo, é normal que aconteçam conflitos internos e externos, mas sem atenção dos pais, que devem ouvir, conversar, incentivar e não julgar os filhos, a situação pode sair do controle.

Não são raros casos de bullying que terminam em tragédia, pois sem acompanhamento dos adultos, o jovem, já acuado, assustado e transtornado, se vê sem saída e parte para atos impulsivos e extremos. "Segundo dados da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), uma a cada três crianças já sofreu bullying nas escolas e isso pode levar ao suicídio", alerta Silvana Barros, psicóloga e psicanalista da SPFOR (Sociedade Psicanalista de Fortaleza).

Além disso, o bullying também está associado a um risco maior de transtornos alimentares, como anorexia e bulimia, de acordo com um estudo realizado pelo grupo Previna, do Departamento de Medicina Preventiva da EPM/Unifesp (Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo), em parceria com o Departamento de Psiquiatria e com financiamento do Ministério da Saúde.

Os pesquisadores analisaram mais de cinco mil estudantes do 8º ano de escolas públicas de três cidades brasileiras e os resultados foram publicados em dezembro de 2020 no periódico *International Journal of Eating Disorders*.

Para prevenir o problema, os pais precisam estar presentes, inclusive nas redes sociais dos filhos, e os profissionais dessas instituições, sensibilizados e preparados para lidar com a questão. Isso só é possível com investimento em campanhas de divulgação de políticas antibullying e criação de canais de ajuda. Conscientizados, os jovens podem se engajar em comitês pró-diversidade para se protegerem mutuamente e a informação chegar aos adultos responsáveis, mesmo que de forma anônima.

Quem é alvo de ataques na escola não deve tentar solucionar o problema sozinho, por mais que ele cause constrangimento.

Revidar um ataque verbal ou físico nunca é a melhor solução. Num primeiro momento, a vítima de bullying deve tentar um diálogo franco com seu agressor e, não surtindo resultado ou não havendo apoio e acolhimento dos colegas e segurança para falar e expor sentimentos, buscar ajuda de adultos o quanto antes. Ignorar o problema não o resolverá, pelo contrário, com o passar do tempo é esperado que aumente de proporção e fique difícil de ser resolvido.

Como geralmente o alvo do bullying tem um perfil inseguro e introspectivo, fazer terapia, ioga e aprender técnicas de autodefesa e autocontrole são táticas bem-vindas. "É preciso estar munido de recursos de enfrentamento, mas com cuidado para não gerar mais agressão para si mesmo, pois adolescentes que praticam bullying podem se sentir desafiados", adverte a psicanalista recifense Blenda de Oliveira, da SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo).

Quando a situação chega ao ponto de ser considerada uma mudança de escola é porque não houve empenho dos adultos e a vítima chegou ao seu limite emocional. Ela tem o direito de decidir trocar de escola, mas não é indicado que o faça enquanto o bullying estiver em curso. Antes, deve passar pelo desafio de conseguir solucionar o problema, para assimilar que seus esforços e os dos demais envolvidos não foram em vão e dar o exemplo aos demais colegas.

Algumas provocações são inerentes ao universo infantil e adolescente e não necessariamente são consideradas bullying. Entretanto, quando se tornam frequentes, hostis demais e causam sofrimento é preciso que a escola esteja alerta e acione os



pais para que com eles investigue e descubra o motivo. Quem comete bullying geralmente também esconde alguma dificuldade psicológica ou emocional para lidar com diferenças, inseguranças e frustrações pessoais.

"Usar o outro como válvula de escape pode ser a maneira que esse sujeito encontrou para aliviar problemas, muitas vezes de âmbito familiar", alerta Deborah Moss, neuropsicóloga, especialista em comportamento infantil e mestre em psicologia do desenvolvimento humano pela USP (Universidade de São Paulo).

Situações de bullying são solucionadas de forma pacífica, e não com violência.

Sem saber lidar com a violência, eles se transformam em agressores numa tentativa de serem "aceitos". Portanto, também são vítimas e precisam igualmente de escuta, tratamento e apoio para romper esse padrão e aprender a respeitar, dialogar e ter empatia com quem pensa e age diferente. Pais que não levam isso a sério, prejudicam o presente de seus filhos, mas também seu futuro, quando terão enfrentar sozinhos consequências de comportamentos enraizados.

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/>

Texto 02

Uma pesquisa da Microsoft divulgada nesta terça-feira (9) — quando se celebra o Dia da Internet Segura —, aponta que, embora o atual estado de civilidade digital do Brasil tenha se mantido, cerca de 43% dos entrevistados estiveram envolvidos em incidentes de bullying na internet. Realizado em maio de 2020, em 32 países, o levantamento mensurou o comportamento e a percepção de adolescentes (entre 13 e 17 anos) e adultos (de 18 a 74 anos) na internet.

A pesquisa englobou perguntas para avaliar os riscos online em quatro áreas: comportamental, reputacional, sexual e pessoal/intrusivo. Entre elas, estavam questionamentos como "Quais riscos online você e seu círculo imediato já enfrentaram?", "Quando e com que frequência os riscos ocorreram?" e "Quais foram as consequências e quais ações foram tomadas?".

PUBLICIDADE

A partir das respostas, a Microsoft calculou o Índice de Civilidade Digital (ICD), que usa métricas como inclusão, transparência e respeito no mundo digital para medir o tom das interações online. Quanto mais baixo o resultado, menos hostil é o ambiente cibernético do país avaliado.

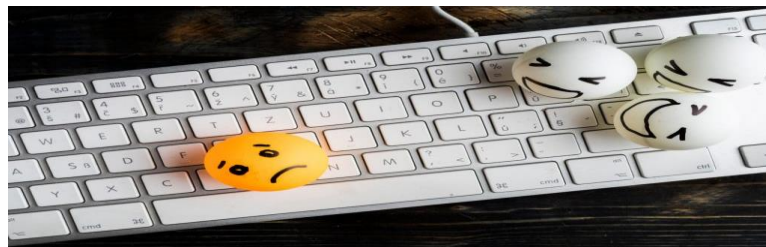
Brasil e o bullying

O Brasil atingiu os mesmos 72% computados na pesquisa anterior. O problema por si só já seria grave — tendo em vista o alto índice de exposição aos riscos online no país —, mas se torna pior após a pesquisa revelar que 43% dos entrevistados brasileiros alegaram envolvimento em incidentes de bullying.

Segundo o estudo, 21% dos entrevistados foram vítimas de bullying e 41% disseram que a civilidade digital caiu quando começou a pandemia do novo coronavírus. Os mais afetados pelas más condutas online foram os indivíduos das gerações Z (nascidos entre 1995 e 2010) e millennials (nascidos entre 1985 e 2000).

O crescimento do bullying em âmbito mundial já havia sido reportado em um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), no ano passado. Isso porque houve um aumento de acessos à rede em razão da necessidade de distanciamento social. Não à toa, apenas 30% dos brasileiros entrevistados pela Microsoft acreditam que há civilidade online.

Os dados relativos ao Brasil acendem um alerta para a necessidade de maior atenção aos casos. E isso é especialmente importante nesta época em que crianças e jovens estão confinados em casa e imersos em dispositivos móveis desde o fechamento das escolas.



Más condutas online afetaram principalmente brasileiros das gerações millennials e z. foto:

uvgreen/Shutterstock

Dados gerais

Se, por um lado, os resultados levam a preocupações no Brasil, os dados gerais, felizmente, melhoraram. Os Países Baixos apresentaram índice de 51% (cinco a menos do que o ICD passado) e ocuparam o topo da lista. O top 5 tem, ainda, Reino Unido (55%), EUA (56%), Singapura (59%) e Taiwan (61%).

De acordo com os dados globais, os adolescentes foram responsáveis por uma notável melhoria na civilidade digital. Além disso, o estudo indica que um em cada quatro entrevistados reportaram comportamentos mais gentis como resultado da Covid-19.

No Brasil, a Lei 13185 de 2015 tipifica o bullying e cria o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. Nela, além de definir a prática em si, estão previstas medidas de prevenção e combate a serem adotadas por escolas e as comunidades com foco na conscientização e no apoio psicológico e pedagógico às vítimas. No entanto, o enfrentamento do bullying deve ser



entendido como uma tarefa de toda a sociedade, uma vez que não se trata de superar uma postura individual, mas uma verdade cultura que permeia nossas vidas.

<https://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola>

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A prática de bullying na sociedade brasileira** apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.